

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 04

Data: 08.06.71 Pg.: _____

Uma velha tribo está morrendo



Foto Sucursal de Salvador

Os índios vivem acuados pelos brancos

O neto do cacique não tem esperança

Claudinor Vieira, neto de Ohrac, que fala fluentemente o português, mas não sabe uma só palavra da língua original da tribo, afirmou que há um mês chegaram funcionários da Funai, "disseram palavras bonitas, nos pediram calma porque seríamos atendidos em nossas reivindicações. Apesar das promessas, nada mudou até agora". Guarani João Pereira da Silva, filho de Ohrac, e que deveria ser o novo líder do seu povo, é indolente, vive dormindo e se recusa a assumir a liderança, "o que eu poderia fazer por minha gente?", pergunta ele.

O mesmo ceticismo tomou conta dos homens, do que resta da tribo. Casados com mulheres brancas, seus filhos têm acentuados traços de outra raça. A geração seguinte já nada terá dos pataxós. Jorge Correia, índio ainda jovem e robusto, é dos que vendem seu trabalho nas lavouras de cacau, ou nas fazendas de gado, para sobreviver. Ele diz que, além de perder as terras, toda vez que os índios aparecem na cidade (Itaju do Colônia tem três mil habitantes na sede do município) são tangidos e humilhados pelos brancos. Normalmente, os índios procuram os bares para beber e acabam presos pelo delegado de polícia local, sargento Raimundo da Silva. Outras vezes, o índio reage às provocações, foge para o posto, o delegado vai pegá-lo e deixa-o preso na cadeia por vários dias seguidos, apesar de ser proibida a prisão de índios.

Barreta é uma índia de 80 anos de idade, que chegou à região com as primeiras levas de pataxós. Não consegue pronunciar corretamente as palavras em português, apesar dos anos de aculturação, mas já quase não se lembra do passado. Estranho apenas que a tri-

Da Sucursal de SALVADOR

Os municípios de Camaçari, Itororó, Pau-Brasil e Itaju do Colônia estão entre os maiores produtores da região cacaujeira do Sul da Bahia. Integram a área colonizada no início do século, de marcantes episódios sangrentos, de poderosos "coronéis", onde a lei era a palavra do fazendeiro, por isso, diversificada em cada propriedade de acordo com as posses e o prestígio político de cada um.

Em Itaju do Colônia, vivem os 300 índios remanescentes da raça Pataxó, em acelerado processo de extinção. Prejudicados pela bebida, pelos costumes dos brancos e pelas doenças, sobrevivem, aculturados, pela força do trabalho que vendem como "peões" nas fazendas da região. São proprietários de toda aquela área — cerca de 36 mil hectares — onde, há mais de 60 anos se fixaram, na sua caminhada ao longo dos anos do interior para o litoral.

No início, a tribo agrupava mais de dois mil índios. Em 1952, eram pouco mais de mil. Atualmente, apenas 300, espalhados em três aldeias, que formam o Posto Caramuru, e pelas propriedades da região. Resistiram aos massacres, às queimadas de palhoças. Mas estão sucumbindo à aculturação e à perda total de suas terras.

Os habitantes mais velhos de Itaju do Colônia, cidade distante 3 km da sede do posto indígena, lembram que no princípio da década de 50, um deputado baiano, Aziz Maron, possivelmente de extinto PTB, levava do Rio de Janeiro, do gabinete do presidente Getúlio Vargas, autorizações ao Serviço de Proteção ao Índio, o extinto SPI, concedendo terras indígenas a parentes, amigos e correligionários políticos. Naquela época, era maior a resistência dos nativos, mas, impotentes, sempre eram corridos para outro local. Já em 1948, segundo documentos encontrados posteriormente no posto indígena, o índio Amaro Abade dos Santos, então cacique da tribo, reclamava ao SPI, que suas terras eram roubadas pelo branco e que, sem ter como subsistir, os índios estavam morrendo. Nada foi feito.

Em julho de 1952, chefe do setor, do SPI, o ex-ministro Darci Ribeiro, etnólogo, apresentava relatório protestando contra a situação e recomendando a devolução das terras aos índios. Nada foi feito. E a invasão de brancos atingia índices assustadores, metade da tribo já estava extinta. A cada reação indígena à violência, jagunços e forças policiais expandiam a conquista de terras para os ricos do lugar.

Dois anos depois, o SPI reconhecia a presença dos colonos e iniciava a distribuição de terras pelo sistema de arrendamento. Eram 56 mil hectares. E a partir desta época mais de 600 posseiros passaram a registrar benfeitorias feitas na área e a pagar um centavo (um "tostão" antigo) por tarefa. Atualmente, os posseiros conseguiram legalizar com o Estado cerca de 20 mil hectares, dos quais dispõem de documen-

tos de posse. Os ocupantes dos 36 mil hectares restantes dispõem apenas de escritura de benfeitorias. Estes são 450 posseiros, que, por toda a área nos quatro municípios, pagam atualmente à Funai 1.100 cruzeiros por ano.

Enquanto o centenário cacique Ohrac era vivo, os remanescentes pataxós do Posto Caramuru conseguiam manter-se ligados à sua cultura e religião. Ao lado de Barreta, atualmente a índia mais velha da tribo, Ohrac era um dos poucos que ainda sabiam fazer arcos e flechas, que cultuavam os Escuses de sua religião primitiva. Mantinha acesa a esperança de receber de volta parte de suas terras. No segundo semestre do ano passado, Ohrac conseguiu reunir no Posto Caramuru dezenas de nativos, que trabalhavam nas fazendas próximas, e se preparou para retomar suas terras aos brancos.

Os fazendeiros começaram a armar seus empregados e poderia ter ocorrido a última chacina de índios, não fosse a presença na aldeia do chefe da 11.ª Delegacia Regional da Funai, com sede em Governador

Valadares, em Minas Gerais, Geraldo Itatuitim Ruas, índio Juruna. Durante suas visitas periódicas, Itatuitim Ruas pediu paciência e conseguiu acalmar a tribo.

Mas o velho cacique Ohrac morreu no início deste ano, picado por uma cobra. Caminhava, bebado, para o posto, voltando de Itaju do Colônia, onde, ultimamente pedia esmolas e servia de distração para a população local, sendo alvo de pedradas dos garotos ou mandado para casa aos empurrões pelo delegado do lugar, um sargento da Polícia Militar. Com a morte de Ohrac, o resto da tribo voltou a dispersar-se em busca do trabalho de "peão" nas fazendas, percebendo 200 cruzeiros por mês, pouco mais da metade do salário dos

"peões" brancos. Em Itaju do Colônia resistem apenas 20 famílias, algumas abrigadas no pequeno e abandonado prédio do posto da Funai. O último funcionário que lá esteve trabalhando, de nome "Juquinha", arrumou as malas antes da Semana Santa, saiu e não mais voltou. O posto da Funai está reduzido às ruínas do prédio, porque até a área em volta os fazendeiros já tomaram. Segundo os índios, desde a semana passada estão ameaçando desalojar as famílias índias que vivem ali para abrigar seus vaqueiros. O velho casarão do posto fica na fazenda de Armando Pinto e segundo o índio Henrique Francisco Filho, "se algum de nós arrancar uma grama de capim, é ameaçado de espancamento".